Vol.1 Nº10 QUARTA-FEIRA 30 DE AGOSTO DE 2006

O Açoriano

Antes morrer livres que em paz sujeitos

Director: Mario Carvalho Site Web: www.oacoriano.org

Ilha do Faial

Roberto Medeiros em Montreal
Homem da Terra Balbino Sá
História da ilha do Faial
Manuel de Arriaga
Ei-los que partem
Faial, Ilha Azul

Grelhados tradicionais em carvão
Adega
★ Peixe
★ Mariscos
★ Aves
3124, Beaubien Este, Montreal (Qc)
Tel.: (514) 725-6285

O Acoriano-06-28-2006.indd 1 8/29/2006 3:23:06 PM

O Acoriano
EDITOR:
AS EDIÇÕES MAR
4231, Boul. St-Laurent
Montréal, Québec
H2W 1Z4
Tel.: (514) 284-1813
Fax: (514) 284-6150
Site Web: www.oacoriano.org
E-mail: info@oacoriano.org

PRESIDENTE:
Sandy Martins
VICE-PRESIDENTE:
Nancy Martins

DIRECTOR:
Mario Carvalho
DIRECTOR ADJUNTO:
Antero Branco

REDACÇÃO:
Sandy Martins

COLABORADORES:
Antonio Vallacorba
Damião de Sousa
Elizabeth Branco
Guilhermo Cabral
Maria Calisto

CORRESPONDENTES:
Açores
Alamo Oliveira
Edite Miguel
Jorge Rocha
Roberto Medeiros
Porto
Jeremias Martins

FOTOGRAFIA:
Açores
Humberto Tibúrcio
Ricardo Santos
INFOGRAFIA:
Sylvio Martins

ASSINATURAS
www.oacoriano.org ou
Envie o seu pedido para:
Assinantes O Açoriano
4231, Boul. St-Laurent
Montréal, Québec, H2W 1Z4

EDITORIAL

Férias aos Açores

Passar férias fora é sempre bom. Mas passar duas semanas nos Açores é extraordinário. Já hà cinco anos que não visitava os Açores e sempre que lá vou volto repousada e cheia de energia.

Este ano passei uma semana na cidade da Praia da Vitória durante as festas da Praia 2006. Foram 10 dias de Festa e de muita alegria. Milhares de pessoas visitaram os vários recintos onde decorreram as festividades deste ano. Com o tema de Viagem à Atlântida, as festas foram realmente um grande sucesso e muito bem organisadas, desde à Feira de Gastronomia do Atlântico, aos vários concertos, desfiles e touradas. Infelizmente agora já se acabaram e o Outono está à porta. Desejo a todos que aproveitem estes últimos dias de Verão.

EM DESTAQUES
Férias aos Açores 2

GENTE DA TERRA
Haja Saúde Açoriano! 3
Manuel de Arriaga 3

HOMENS DA TERRA
Balbino Sá 4

AGENTE QUE NÓS SOMOS
O homem açoriano 5

COMUNIDADES 6

INTRODUZINDO A ILHA DO FAIAL 7

FOTOS DO NOSSO POVO 8

COMUNIDADE EM DESTAQUE
Um Açoriano na Itália 9

NOSSA HISTÓRIA
Ei-los que partem 10
Portugal e o cinema 11
Faial 11

UN PEU DE NOUS 12

CURIOSIDADES
Nova teoria 13
Peter Café Sport 13

GASTRONOMIA 14

CRÓNICA DA MARIA
Faial, Ilha azul 15

RECORDANDO O PASSADO
Quem são eles? 16

Haja saúde Açoriano e povo de fora da terra!

Mario Carvalho

Bem-vindos de novo à companhia do vosso jornal O Açoriano, após uma pequena paragem por motivo de férias, até parece que durou uma eternidade, tanto é a vontade de partilhar com todos vós esta alegria de falar da nossa terra, sem complexo nem vaidade, guardando o rumo traçado desde o início, falar das nove ilhas que decoram o oceano Atlântico.

Na última edição terminei a minha crónica com o desejo de festejar a vitória da nossa selecção de futebol.

Não fomos campeões dentro das quatro linhas, muito menos chegamos à final porque o destino assim traçou, ou o ser humano assim quis, não é fácil ser pequeno e lutar contra grandes e poderosos.

Fomos campeões aos olhos do mundo, dentro do nosso coração, pela nossa alegria de jogar e atitude.

Ouvimos falar que a atitude de cada um de nós pode definir o rumo que queremos dar à nossa vida e maneira de viver.

Cada vez mais chego à conclusão, que a nossa atitude no dia a dia tem um impacto muito grande na nossa vida pessoal e nas pessoas que convivem connosco, na família, no local de trabalho e na sociedade aonde vivemos.

A atitude de cada indivíduo é mais importante que o passado, educação, dinheiro, sucesso, e muito mais do que aquilo que certas pessoas pensam, dizem e fazem.

A atitude é mais importante que a aparência, beleza.Com ela pode-se construir ou destruir a amizade, a família, uma sociedade e até mesmo uma nação.

Foi através da atitude, de certos indivíduos que foram destruidas em alguns minutos as torres gémeas do 'Wall Trade Center' no 11 de Setembro, com a mesma atitude foram ceifadas muitas vidas inocentes e destruídas para sempre milhares de famílias.

Foi devido à atitude de alguns governantes e grupos radicais que muitos civis foram mortos durante a recente guerra entre Israel e Líbano, quantas crianças inocentes ficaram marcadas e aterrorizadas por esta guerra.

Qual será atitude que eles irão cultivar ao longo das suas vidas?

Será uma atitude de terror, medo, luta ou vingança!

Enquanto decorria esta guerra, e por motivos de saúde, tive que ir à emergência duma clínica dum centro de saúde. Como é do conhecimento de todos vós, são longas as horas que esperamos na sala de espera para que possamos ser vistos por um médico.

A sala estava repleta de pessoas, continuamente entravam e partiam utentes das mais variadas origens, árabes, latinos, italianos, haitianos, portugueses, asiáticos, etc.

Todos partilhavam o mesmo espaço, lado a lado com um só desejo: de ser examinado pelo médico o mais rápido possível, deixando de lado as suas origens e crenças religiosas. Alguns demonstravam uma atitude de desespero pelo tempo de espera, mas de nada valia desesperar só o medico poderia solucionar o nosso problema.

Enquanto esperava, reflectia, que em cada dia temos a escolha, quanto à nossa atitude. Não podemos mudar o passado, não podemos alterar a maneira de ser e de viver de certas pessoas. Não podemos mudar certos acontecimentos que são inevitáveis, a única coisa que podemos fazer é uso do poder que dispomos, a nossa atitude.

Tudo na vida depende da atitude, alegria, compreensão, respeito, felicidade e amor.

Diz-se que somente 10% das coisas que nos acontecem na nossa vida a que não podemos fazer nada, as outras 90% são nós que provocamos com a nossa atitude negativa e devastadora, pela inveja, ódio e maldade.

Se reflectir sobre a sua atitude, de certeza que poderá melhorar muita coisa na sua vida.

Quem sabe até resolver muitas desavenças na sua família, trabalho e comunidade.

Haja saúde e até à próxima com a história das duas ilhas mais ocidentais da Europa: Flores e Corvo. Quem sabe com outra atitude!

Manuel de Arriaga

Primeiro Presidente Constitucional da República Portuguesa Manuel José de Arriaga Brum da Silveira nasceu na cidade da Horta em 1840 e pertencia a uma família da aristocracia açoriana. Formou-se em Letras e foi professor de Inglês do Ensino Liceal. Em 1876 fez parte da Comissão de Reforma da Instrução Secundária. Filiado no Partido Republicano, pertencia ao seu Directório quando rebentou a revolta do 31 de Janeiro de 1891. Candidatou-se a deputado pela Madeira tendo sido eleito. Passados alguns anos voltou a assumir funções parlamentares, distinguindo-se na luta contra as instituições monárquicas e contra a corrupção.

Entretanto participava activamente em comícios que se realizavam em Lisboa e os seus discursos inflamados contribuíam para aumentar o número de adeptos da causa republicana. Depois do 5 de Outubro foi deputado às Constituintes e, no dia 24 de Agosto de 1911, tomou posse do cargo de Presidente da República. O seu mandato foi muito agitado e cheio de dificuldades porque os diferentes partidos republicanos que então se formaram não se conseguiam entender. Além disso instalou-se um clima de agitação social, com tentativas de reposição da monarquia, inúmeras reivindicações e greves que levaram a sucessivas quedas do

governo. Só entre 1911 e 1914 tomaram posse oito governos. Em Janeiro de 1915, Manuel de Arriaga dissolveu o Parlamento e consentiu que se instalasse a ditadura de Pimenta de Castro. As reacções não se fizeram esperar. Os opositores reuniram-se, o Presidente da República foi declarado fora da lei e, logo em Maio, rebentou uma revolução que repôs a ordem democrática e forçou a demitir-se. Manuel de Arriaga além de político e professor foi também escritor. Deixou vários livros de ensaios, contos e poesia.

À procura dos Homens da Terra!

Meu querido e nunca esquecido marido!

Balbino Sá: 18 de Maio 1941 – 23 de Agosto 2005.

Balbino escrevo estas pequenas letras para aproveitar o portador que é o novo jornal da nossa comunidade de Montreal "O Açoriano" para recordar a tua vida um ano depois da tua morte.

Balbino Sá, nasceu na freguesia da Lombinha da Maia, Ilha de São Miguel, Açores a 18 de Maio de 1941.

O Balbino começou a trabalhar muito novo a amoldar lenha. Nos tempos livres gostava muito de música, tocava charamela nos bailes do Espírito Santo. Tinha apenas 19 anos quando chegou ao Canadá no ano de 1960. Como todo o Açoriano que veio para o estrangeiro para fazer a sua vida, teve de trabalhar muito naquilo que era possível e que encontrou.

Três anos mais tarde, regressou a São Miguel para celebrar o nosso casamento que aconteceu, no dia 18 de Maio de 1963 na igreja de Nossa Senhora da Piedade da Lombinha da Maia.

Tivemos três filhos, tudo rapazes, Fernando, Eddy e Benny. Assistiu ao casamento dos dois mais velhos, o mesmo não aconteceu com o casamento do Benny, partiu para a eternidade dias antes dele celebrar o seu matrimónio.

Foi duro e muito difícil para todos nós, ver o Benny casar-se sem a sua presença, o destino assim quis, foi feito à vontade de Deus.

Os nossos netos, Jordan, Ryan, e Amanda continuam lindos e muito sorridentes, de certo que são muito orgulhosos do avô Balbino.

No Canadá, trabalhou, no Woolworth, Hospital Royal Vitoria, Alcan, Holiday Inn e Volkswagen Canada.

A certa altura, mais precisamente no ano de 1968, decidiu, em sociedade com o seu irmão Octávio Sá, abrir uma mercearia. Chamava-se Napoleon Grocery. Esta sociedade durou até ao ano de 1974. Neste ano os dois irmãos decidiram separar-se e cada um seguiu rumos diferentes.

Foi então que em 1975 abrimos a mercearia na esquina da St-Urbain e Villeneuve. Com o decorrer do tempo e, sobretudo com a implicação dos nossos filhos, a mercearia passou a chamar-se Sá e Filhos. Hoje são eles que continuam a servir a nossa comunidade da mesma maneira que lhes ensinou, com respeito e honestidade. Para além de trabalhar muitas horas por dia, sempre encontrava tempo para a família, música e desporto.

Fez parte da direcção da equipa de futebol os Sás. Mais tarde, no ano de 1980, fundou a equipa de futebol Sporting clube de Villeneuve.

Foi mordomo das festas do Espírito Santo, gostava muito de tocar acordeão e cantar ao desafio, não fosse filho da mesma freguesia de grandes cantadores ao desafio o nosso saudoso João Plácido e o seu sobrinho José Plácido, orgulho da nossa terra. Homem simples, honesto e amigo de ajudar os mais necessitados. No ano de 2001, foi visitar a nossa querida terra com a Filarmónica de Montreal.

Em 2002 foi presidente da mesma banda de música, quando a saúde começava a faltar, mas nunca deixou de exercer os seus compromissos.

Com muitas saudades de todos os teus amigos, filhos, noras e netos, recebe esta minha homenagem em tua memória por tudo o que de bom passamos e criamos juntos. Em forma de oração por tua alma, da tua esposa que sempre te amou e te ama.

Suzete Tavares Sá

O HOMEM AÇORIANO E A AÇORIANIDADE

Continuação da última edição

Sobre a influência francesa em S. Miguel, convirá lembrar que não será muito crível que ela se tenha exercido directamente, em termos de ter abarcado toda a ilha. Os topónimos Bretanha e João Bom (Jambon) não explicariam, como indícios, um fenómeno tão marcado como todo o quadro do vocalismo dialectal micaelense, quanto a nós. A influência mais provável é a indirecta, por via de povoadores do Centro-Sul do Continente, onde a influência francesa já se fizera sentir e está atestada (lembrem-se os topónimos Vila Velha de Rodão, Proença, Nisa, Tolosa e a zona de influência dos Templários).

Em estudo recente sobre o falar da Bretanha, Maria Clara Rolão Bernardo, docente da Universidade dos Açores, em tese de Mestrado (Provas A.P.C.C. correspondentes ao Mestrado), orientada pelo falecido e eminente Professor e linguísta, Luis Filipe Lindley Cintra, reafirma esta convicção. Lacerda Machado confirma que o fundo étnico da população micaelense é originário do território meridional, com predomínio do Alto-Alentejo. Fundamenta-se em elementos linguísticos e antropológicos (nomeadamente cefalométricos) .

Leite de Vasconcelos encontrara, na ilha do Corvo, na sua visita em 1924, um ü (u francês) semelhante ao de S. Miguel. João Saramago, em tese de doutoramento sobre Le Parler de l'Ile de Corvo"2, confirma este ü, embora não apresente uma posição tão avançada como o de S. Miguel.

Nemésio (citado artigo sobre "O Açoriano e os Açores") pensa mesmo haver uma correlação entre as modalidades dos falares e as origens e o carácter das populações dispersas pelo Arquipélago-o que, sendo um juizo de alguma subjectividade, não deixa de corresponder ao puzzle da própria diversidade humana e social das Ilhas. "As modalidades de índole, costumes, maneiras, acompanham esses matizes com uma precisão magnífica ..."3. Pelo menos nada de mais diferenciado, ao ouvido de um visitante, que os falares de S. Miguel e da Terceira, que correspondem a populações com comportamentos muito diferentes no modo de ser predominante, na religiosidade (mais festeira na Terceira), nos divertimentos (touradas, arraiais muito frequentes).

E justamente essa diversidade que levara Nemésio, bastante jovem (cerca de 27 anos) a fazer uma conferência em Coimbra sobre "O Açoriano e os Açores", que depois publica em Sob os Signos de Agora (Coimbra, 1932) e que, no seu generalismo e "impressionismo" revela dados intuitivos e notas históricas muito significativas. Nemésio quer dar apaixonadamente a conhecer as suas ilhas, porque delas distanciado, "desterrado"-sentimento dele e de todos aqueles ilheus que a vida obriga a viver longe do Arquipélago. Só isso justifica que o jovem de 27 anos escreva, ao lado dessas notas e aproximações do rigor caracterológico colectivo possivel, uma verificação carregada de sentimento e lirismo; fala da aproximação quase iniciática do "começar terra à vista" e exclama: "São os Açores. E, para o comum dos Continentais, a trapalhada geográfica que o nome a Ilha abrevia. Para os açorianos desterrados é o berço, o amor, são as reminiscências, a família (...)."4

É nesta conferência, transformada depois em artigo, que Nemésio faz uma tipologia do ser-se açoriano que, "impressionista" e sem pretensões científicas, continua válida pelas intuições do grande escritor, que conhecia bem as suas ilhas e as queria dar a conhecer.

Assim, considera o micaelense (o mais trabalhador, o mais introvertido e talvez mais rude nos tipos rurais), o terceirense (bem menos trabalhador, mais festeiro e convivente, com traços de certa manha rural), que agrupa com um tipo mals genérico de o açoriano das "ilhas de baixo", e o picaroto, que é uma subdiv1são do grupo anterior, mas que lhe oferece traços muito distintivos, a ponto de o considerar a "nata do insulano" (homens do mar, homens de palavra, dando conta da vida com frontalidade e brio) Em Mau Tempo no Canal há de novo a insinuação da excelência dos homens do Pico, prontos para o báculo ou para o leme de uma canoa da baleia. O Pico forneceu às altas hierarquias da Igreja vários nomes e celebrizou-se também pela pesca da baleia, com a sua gesta e até a sua literatura própria (caso das narrativas do escritor picoense Dias de Melo). "Em verdade, continua Nemésio sobre o homem do Pico - "nenhum açoriano se lhe avantaja na concepção séria da vida, temperada embora por uma ingenuidade que é o segredo do seu triunfo nas lides a que se entrega. (...) O picoense ou picaroto (esta designação é muito mais expressiva) trabalha na vinha e na horta, poda o pomar, vai à moenda com o seu taleigo de novidade, mas está sempre pronto para saltar à canoa à saga da baleia". A imagem que Nemésio guarda do picaroto é sobretudo essa postura heróica e simples dada pelo pescador de baleias que arrisca a vida e do risco faz o seu timbre de carácter. "E vê-lo então nessa vida admirável das campanhas (...), sóbrias como a campanha do pescador da Galileia, tiram ao mar o óleo do cachalote ou o ambar rarissimo da baleia." 5Alheio-ele e o pescador-às preocupações com o ambiente e às cruzadas do Green Peace...

Da alma rural à citadina não fica porém por caracterizar a psique do açoriano, cidadão do mundo como o próprio Nemésio e hospitaleiro por índole e por tradição. Prontos também para a emigração, por disponibilidade, por necessidade, por amor ao risco, pelo apelo de um parente. Comvém lembrar que devemos considerar três tipos de emigração nos Açores: uma emigração histórica (a para o Brasil, mormente as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII), uma emigração norte-americana e canadense (sobretudo a partir do final do século XIX e muito numerosa, a tal ponto que há mais açorianos e seus descendentes nos E.U.A. que nos Açores) e uma "emigração" Continental, i. é, uns milhares de açorianos e seus descendentes que, sobretudo por razões de carreira e estudos superiores, se fixaram no continente português. Este fenómeno último só foi contrariado relativamente após o surgimento da Universidade dos Açores e do Governo Regional, que criaram postos de trabalho mais qualificados, atraindo ou fixando quadros superiores.

Estas verificações genéricas dão aos Açores dos últimos decénios uma configuração social e cultural diferente, à qual não é alheia a presença da RTP-Açores, com produção própria e, mais recentemente, o consumo de antenas parabólicas e do Cabo TV.

Continuação na próxima edição

Notícias do Concelho da Povoação

Edite Miguel

POVOAÇÃO CELEBROU 167 ANOS

No dia 3 de Julho o município da Povoação festejou o seu 167º aniversário de elevação a Sede de Concelho.

As comemorações, organizadas pela Câmara, ficaram marcadas pela inauguração do Centro de Informação – Turismo e Artesanato da Vila da Povoação. Trata-se de um local onde estão representados muitos artesãos e empresários ligados ao turismo tanto do Concelho como da ilha, aberto de segunda a domingo das10h00 às 19h00. Na altura, o Delegado de

Turismo de S. Miguel referiu que a iniciativa se traduzia numa aposta clara e inequívoca no sector do turismo e um exemplo a seguir por muitos concelhos açorianos.

Por sua vez, o Presidente da Câmara afirmou que a Povoação, a partir daquele momento, se tornou mais rica no sector que o executivo elegeu como principal vector de desenvolvimento.

Já no edifício dos Paços do Concelho foi a vez dos presentes assistirem a um recital sobre o 3 de Julho intitulado "Cinco Séculos Após a Primeira Alma" apresentado pelo Grupo de Teatro Máquina do Tempo. Foi um grande momento poético e musical no qual se deram a conhecer factos históricos relevantes para a emancipação da Povoação relativamente aos Concelhos de Vila Franca e do Nordeste.

A inauguração da exposição "Assimetrias do Olhar", de Victor Meireles, e a apresentação dos trabalhos dos alunos das escolas do 1º ciclo resultantes da peça "A Menina Azul"constituíram outras duas iniciativas que abrilhantaram as comemorações.

A celebração do Dia do Concelho atingiu o seu ponto alto aquando da cerimónia solene no Salão Nobre, durante a qual foram entregues 14 Diplomas de Mérito Cultural, Desportivo, Social e Empresarial, de entre os quais 3 a título póstumo. Foi também durante esta sessão que o Presidente da Câmara fez um breve balanço dos primeiros 8 meses do novo mandato, mencionando novamente as grandes obras programadas para o mesmo, designadamente a Habitação Social, o Centro de Estágios de Furnas e as Piscinas Municipais.

Do vasto leque de actividades inseridas nas comemorações do Dia do Concelho destacaram-se outras iniciativas como a peça "A Menina Azul" apresentada pelo Grupo de Teatro "Descalças", cuja acção se centrou no povoamento da ilha de S. Miguel e na elevação da Povoação a Concelho - tendo sido levada a todas as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico para que as crianças tomassem conhecimento da sua história enquanto povoacenses - e o I Encontro de Coros Infantis e Juvenis da ilha de S. Miguel que aconteceu na igreja Nossa Senhora Penha de França, da freguesia de Água Retorta, um grandioso acontecimento que mereceu rasgados elogios por parte dos presentes.

Massachusetts homenageou Roberto Medeiros

Tibério Borges

Este ano foi a nona edição em que se comemorou Camões em terras da Nova Inglaterra. Esta edição tem um sabor especial porque teve um acontecimento surpresa para quem se viu homenageado por tanto trabalho e esforço feito na implantação cultural açoriana naquele estado americano. Roberto de Medeiros, vice-presidente da Câmara da Lagoa, foi seleccionado por vários deputados e senadores estatais pelo muito que tem feito à comunidade daquela zona e aos Estados Unidos. No State House de Bóston decorreu a cerimónia de homenagem a 26 personalidades mais influentes entre a comunidade. No decorrer da cerimónia fez-se um ligeiro resumo de dados de cada homenageado. Uma cerimónia cheia de calor português onde a força interior brota do fundo do ser humano. É o reconhecimento pelo trabalho que se fez no estado de Massachusetts onde a língua portuguesa está mais implantada na América. A maior herança do Português já se vai prolongando na terceira geração onde biografias de histórias duras e penosas mas vitoriosas vão sulcando estas paragens da América. Mas existe uma coisa reconfortante: reconhecer o valor de quem o merece. E abrange uma faixa etária muito alargada. Os novos estavam presentes cheios de garra e na disposição de continuar a lutar por Portugal em terras da América implantado. A simplicidade característica dos homenageados abrangeu o território de cada um na diversidade social duma simbiose de dois povos. Um dos homenageados até falou das sopas que a sua mãe lhe ensinou a cozinhar. Aqui dá-se a transmissão da aprendizagem da nossa cultura. É delegando aos vindouros que a portugalidade persiste. No ensino foi galardoada uma Graciocence que para além de professora espalha a nossa cultura pela rádio há 15 anos. Este evento esteve englobado numa conjuntura muito maior. Era Camões numa dimensão de além da Taprobana americana onde entre gente remota edificaram um novo espaço que dele tanto sublimaram. "Vedes a grande terra que contina, Vai de Calisto ao seu contrário Pólo".

A organização das festividades em New Bedford para melhor funcionamento estava dividida em diversos grupos entre os quais o do artesanato.

Roberto Medeiros fez deslocar este ano duas artesãs de dois Concelhos que ainda não tinham pisado terras do tio Sam: Praia da Vitória e Corvo.

Roberto Medeiros em Montreal

Roberto Medeiros, vice-presidente da Câmara da Lagoa e responsável pelo departamento cultural da Câmara e nosso colaboradore vai acompanhar o Grupo de dança "Som do Vento", da freguesia de Santa Cruz, da Vila da Lagoa, desloca-se ao Canadá de 31 de Agosto a 11 de Setembro a convite de Armando Loureiro.

O Som do Vento é composto por 25 jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 19 anos, têm na sua direcção Irene Botelho e pretendem com esta viagem partilhar e adquirir conhecimentos, trocar experiências com outros jovens da sua idade e aprofundar o seu conhecimento sobre a cultura canadiana. Para isso contam com Armando Loureiro que preparou um programa com o apoio de diversas instituições de Montreal, como a comissao de festas do Sagrado Coração de Jesus de Santa Cruz, Hochelaga, Anjou e outras e ainda da Câmara Municipal de Sainte Thérèse, vila irmã de Lagoa e que ainda recentemente recebeu o seu presidente, João Ponte, em Junho último. Do programa da visita constam também actuações do Som do Vento em Montreal, nos dias 2 e 3 de Setembro espectaculos em Santa Cruz, missa no dia 3 de Setembro às 10 horas, animada por Armando Loureiro e filhos & Grupo Som do Vento actuarão também no dia 9 e10 de Setembro, espectaculos em Hochelaga, Sainte Thérèse, Câmara Municipal de Montreal, nomeadamente no decorrer da semana actuarão em vários locais a nomear no proximo jornal e visitarão varios locais em Montreal e St.Thérèse. Para qualquer informação tal como:(se quizerem que o grupo dependente da agenda) actue em qualquer outra organizacao, e a todos os Lagoenses que se queiram associar ou a colaborar com este grupo, por favor contacte com Armando Loureiro pelo telefone 514-844-8157.

Breve História da Ilha do Faial

Local de fixação de Josse Van Huerter - de quem, provavelmente, se perpetua o nome numa transposição para português - que na área do Porto Pim teve o seu solar, a Horta viveu tranquilamente os seus primeiros anos. Em finais do séc. XV é elevada a vila, e em 1583, com a batalha travada, às portas do Castelo de Santa Cruz, entre portugueses e espanhóis, quebra-se esse viver idílico. As incursões dos corsários no séc. XVI e as lutas políticas levam à construção de fortificações que não evitaram, porém, que em 1589 o conde de Cumberland,

comandando treze navios, aprese uma nau espanhola e ataque a vila, que é saqueada. Anos depois, em 1597, Sir Walter Raleigh ocupa a Horta. Dá-se, então, novo e terrível saque e o incêndio dos seus principais edifícios. Os Jesuítas, com uma intensa acção no Brasil e no Oriente, escolhem a Horta como local de repouso dos seus fatigados missionários e nela erguem, no séc. XVII, um amplo e majestoso Colégio. Pela vila passa no, séc. XVIII, o explorador inglês Thomas Cook. As lutas constitucionais trazem de novo a vila às páginas da história com o apoio prestado aos liberais e a construção de um arsenal. Por esse motivo a Horta ascende a cidade em 1833.

Antes, porém, em 1814, trava-se na Horta um combate desigual entre um brigue corsário americano e uma esquadra inglesa, em que o navio ameriano se defendeu com denodo, acabando por ser encalhado e incendiado.

O desenvolvimento da caça da baleia traz à Horta, durante todo o séc. XIX, as frotas baleeiras, que se abrigam em Porto Pim para refrescar as tripulações e engajar arpoadores e remadores açorianos, famosos pela sua coragem e destreza.

Nesse período as ruas eram percorridas por marinheiros que quebravam com os seus berros e cantigas avinhadas a tranquilidade nocturna. A construção do cais, iniciada em 1876, atraiu à cidade os navios a vapor, que nele faziam o reabastecimento de carvão.

Uma nova fase da vida do Faial começa em 1893, com a instalação de um cabo submarino ligando a Horta a Lisboa e, daí, a todo o mundo, a que se segue a montagem de outros cabos, transformando a cidade num dos principais centros das comunicações telegráficas da primeira metade do séc. XX. O primeiro voo transatlântico, em 1919, fez escala na Horta, seguindo-se-lhe, de 1939 a 1945, os majestosos «clippers» da Pan American. Base naval nas duas guerras mundiais, a cidade foi um dos portos utilizados pela frota aliada aquando da invasão da Normandia, em 1944.

Um dos centros da Administração Regional e sede do Parlamento Açoriano, a Horta é hoje uma cidade branca enquadrada pelo azul do mar, seu companheiro de sempre, local de amarração de iates vindos de todas as partes do mundo, que repetem a sua vocação de porto cosmopolita onde se cruzam raças e línguas.

Locais a visitar: Igreja Matriz de São Salvador; Igreja de São Francisco; Igreja de Nossa Senhora do Carmo; Igreja de Nossa Senhora das Angústias; Ermida de Nossa Senhora do Pilar; Império dos Nobres; Torre do Relógio; Castelo de Santa Cruz; Portão fortificado do Porto Pim; Muralhas de São Sebastião; Centro histórico; Museu de Arte Sacra; Museu da Horta e Monte da Guia.

Os baleeiros e Moby Dick

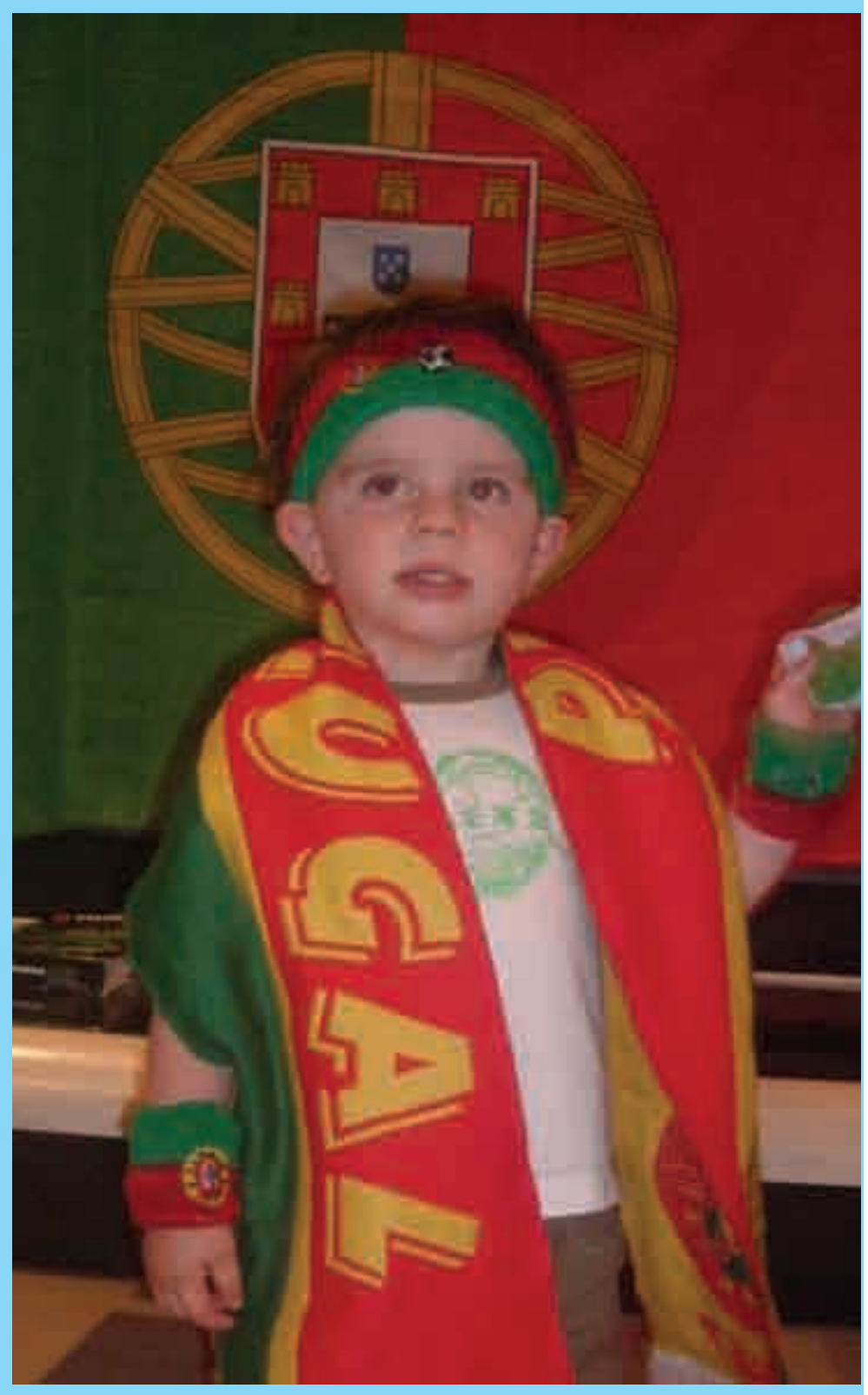
Os cascos eram negros como caixões. Os navios tresandavam a óleo e a morte. Eles eram os caçadores do mar, os baleeiros. E vinham todos os anos à enseada do Porto Pim para repousar as tripulações e deixar os barris de óleo de baleia.

A Horta fazia parte da gesta desses homens rudes que partiam de New Bedford para regressarem, anos depois, cansados, doentes e nem sempre ricos. A Horta figurava, por esse motivo, no ciclo rama pintado sobre pano que era exibido, de cidade em cidade dos Estados Unidos, para mostrar a vida dos baleeiros. os seus portos de escala, a sua dura faina. Eram dezenas os baleeiros que, nos meses de Primavera e Verão, se abrigavam por detrás dos Montes Queimado e da Guia. Todos tinham tripulantes açorianos atraídos pelo risco e pela paga, apreciados pela sua resistência e coragem, como aquele jovem Danil que na célebre obra de Herman Melville participa na implacável perseguição à grande baleia branca, a Moby Dick.

A epopeia dos hidroaviões

A conquista do ar teve na Horta algumas das suas horas de glória. Tudo começou, em 1919, com a passagem pela cidade do minúsculo e frágil hidroavião "NC4", pilotado pelo americano Albert C. Read, aquando da primeira travessia aérea do Atlânlico Norte, com escalas. Anos mais tarde, outros pilotos - italianos, alemães, americanos, franceses - escolhem a Horta como ponto de escala para as suas tentativas, nem sempre bem sucedidas, de travessia do Atlântico. Em 1929 pousa na Horta o que era então o maior avião do mundo, o «Dornier DO-X», monstro de 30 toneladas e 12 motores, e em 1933 parte da esquadrilha italiana do marechal Balbo no regresso do "raid" aéreo Roma, Chicago, Roma. Mas é com a passagem pela cidade, nesse mesmo ano, do aviador Charles Lindbergh que a Horta entra na história da aviação comercial. Nesse voo de reconhecimento, por conta da Pan American, o herói da travessia solitária do Atlântico pôde verificar o interesse da cidade come escala das futuras ligações regulares por hidroavião entre a Europa e a América.

A primeira companhia a utilizar a Horta como base de apoio foi a Lufthansa, que, de 1936 a 1938, realiza vários voos com o recurso a navios-catapulta. A Imperial Airways (precursora da actual BA - Brilish Airways) e a Air France realizam voos entre 1937 e 1939. Com a introdução dos gigantescos hidroaviões "clipper" pela Pan American, a Horta é, de 1939 a 1945, escala das carreiras regulares entre a Europa e a América.



Agence de Voyage Algarve

Agência de Viagens portuguesa

Temos ao vosso dispôr:

- Viagens para todo o mundo
- Especiais para as Caraibas
- Cruzeiros a partir de 799^{00}+tx
- Hoteis e pensões em Portugal a partir de 49^{00s} por noite
- Aluguer de carros a partir de 159^{00s} / semana
- Serviço de impostos
- Envio de contentores, barrils e o nosso popular Cabaz de Natal

Uma força no comunidade - Tel.: 273-9638 - Fax: 273-8911

Um Açoriano na Itália

Antero Branco

A UTL, Universidade dos Tempos Livres, sob a responsabilidade do Pe. José Maria, organizou, em Junho passado uma viagem à Itália.

A Itália, fica ao sul da Europa e faz fronteira ao norte com a França, Suíça, Áustria e Eslovénia, cujo território principal forma uma península no mar Mediterrâneo e inclui as ilhas de Sardenha, Sicília e Capri, sofreu, historicamente, a influência de gregos e de celtas antes de ser unificada em 262 a.C. pelo domínio romano. A sua capital é Roma. Sabiam que na Itália se encontra 60% da arte mundial?

Quando desembarcamos em Roma, estavam no aeroporto, à nossa espera, a simpática Mónica Starez, nossa guia e o condutor do autocarro, o Lucianno, que, durante os doze dias de viagem, nunca nos deixaram. Depois de desembaraçados do Hotel, a Mónica levou-nos, a dar, numa das partes mais bonitas de Roma, uma visita a pé. Já imaginaram, na chegada aquela cidade e derrepente ficarmos frente a frente com a fonte de Trevia? É beleza demais, para um açoriano habituado a admirar um «chafariz». No segundo dia, visitamos o Vaticano e o seu museu, acompanhados pela Luciana, guia especializada, que passo a passo, durante três horas, nos explicou a história e a arte daquele torrão encantador. Ao chegarmos à Capela «Sistina », aonde se fazem as eleições Papais, ao admirar todos aqueles frescos da autoria de Miguel Ângelo, já tinha valido a viagem à Itália. A Luciana, que gozávamos durante algum tempo, porque, para que não nos perdêssemos, estava constantemente a anunciar nos auriculares : « Aqui está Luciana! Aqui está Luciana!», nos levou em autocarro a visitar Roma antiga. Que enciclopédia de senhora! Além de ter um vasto e profundo conhecimento de Roma e do Vaticano tem uma maneira de transmitir, o seu saber, de maneira muito agradável. Foi nessa visita que fiquei sabendo que não foi no Coliseu que os cristãos eram devorados pelas feras, mas sim no Circo. Na parte da tarde, em lugar de honra, na Praça de S. Pedro, podemos assistir à celebracão da Vigília de Pentecostes, presidida pelo Papa

Bento XVI. Começou a sua homilia assim : Amados irmãos e irmãs. Viestes verdadeiramente em grande número esta tarde à Praça de São Pedro, para participar na Vigília de Pentecostes. Agradeço-vos de coração! Pertencentes a diversos povos e culturas, vós representais aqui todos os membros dos Movimentos eclesiais e das novas Comunidades…».

Fomos a Roma e vimos o Papa!

No dia seguinte partimos em direcção de Siena, cidade medieval. É aqui que se realiza o famoso «Palio», corrida de cavalos. O território da cidade está dividido em dezassete "Contrade". Cada "Contrada" (bairro) é como se fosse um pequeno estado. Cada jóquei, que representa o bairro deverá completar três voltas na pista com cerca de 1000 metros e só ao primeiro será reservada a glória da vitória. De qualquer forma, quem ganha é o cavalo, pois é vencedor mesmo se chegar sem o jóquei.

Fomos em seguida jantar a Florença, berço da Renascença e por lá ficamos duas noites. A Catedral de Florença é de uma beleza sem igual, mas curiosamente ao lado encontra-se uma igreja muito bonita que se chama de Santa Cruz, como a nossa. Na ponte Vechio, que atravessa o rio Arno e na rua adjacente é um perigo as senhoras fazerem compras com cartão de credito ou de multibanco. Gastam tudo! Não existe outro comércio senão ourivesarias com objectos de rara qualidade.

Daqui fomos para Pisa, a famosa cidade com a torre inclinada. Ficamos sem saber como é que ela se aguenta em pé. Depois de tentar-mos endireitar a torre, sem sucesso, seguimos para Pádua, aonde ficamos indignados, quando os italianos dizem que Santo António é de lá. Santo António não é de lá coisa nenhuma, Santo António é de Lisboa. A gente é que emprestou Santo António a eles! Depois da visita à Basílica de Santo António, seguimos para Veneza, a romântica. É uma cidade diferente de todas as que conhecemos. Foi construída na agua. As suas ruas são canais. O meio de transporte são embarcações. Os táxis são lanchas. É uma cidade de sonho. Oito milhões de turistas a visitam anualmente. Em Veneza existe sítios mais baratos do que outros, mas por exemplo, se se sentar na Praça de São Marcos, uma bica, como os continentais chamam a um café, custa nove euros e sessenta. Que loucura!

De Veneza fomos para Bolonha, a cidade que menos gostei. De lá seguimos para Assis, cidade de São Francisco de Assis. Depois de visitar-mos a parte norte da Itália, seguimos rumo ao sul, até Nápoles, cidade fundada no século IX antes de Cristo. Ao lado fica Pompeia, que ficou submersa com as cinzas e lavas do vulcão Vesúvio, que continua activo. Continuamos a viagem até Sorrento, o lugar que mais gostei do sul da Itália. É um encanto. Já que estávamos nesta cidade, apanhamos o barco e fomos passar um dia à ilha Capri, o lugar preferido de uma conterrânea nossa, que fez parte do grupo. Mas, em beleza, os Açores não ficam atrás de Capri. Só que temos menos palacetes.

De regresso a Roma, quer dizer, regresso a casa. Uma viagem muito enriquecedora não só em termos culturais, mas também a nível humano. Um grupo de cinquenta pessoas, com muitos açorianos, que fora de casa, estiveram sempre em harmonia.

Casa de Móveis
ARCA
Servindo a comunidade
há mais de 40 anos
4117 Boul. St-Laurent, Montreal tel.: (514) 842-0591

EI-LOS QUE PARTEM

A História da Emigração Portuguesa

Continuação da ultima edição

"A Sangria da Pátria" é a história dos emigrantes portugueses que nos anos 60 abandonam os campos e partem para a Europa.

A seguir à II Guerra Mundial a reconstrução Europeia faz-se com base em políticas de recrutamento activo de trabalhadores do Sul da Europa e as portas abrem-se à emigração.

O atraso secular de Portugal, os entraves à modernização da agricultura, o início da guerra colonial e o endurecimento político do regime, empurram para fora do país os camponeses, sem perspectivas e cansados de uma vida de miséria.

Em apenas 10 anos mais de um milhão e meio de pessoas sai de Portugal. Dessas, perto de um milhão vai para a França.Clandestinamente, atravessam a Espanha e os Pirinéus e instalam-se aos milhares nos bairros de lata à volta da cintura de Paris, na chamada Ile deFrance.

O programa retrata a situação social, política e económica da época e traça o percurso até aos dias de hoje desses homens e mulheres a que o jornal francês "Le Monde" chamou "les soutiers de l'Europe" – (os homens do porão da Europa) – e que em pouco tempo ascendem a um nível social e económico inesperado. A RTP ouviu os protagonistas da História e também historiadores e investigadores que estudaram aquela a que o Prof. Eduardo Lourenço chama "a verdadeira Epopeia dos Portugueses". Além do próprio Eduardo Lourenço,

"A Sangria da Pátria" inclui depoimentos de Irene Pimentel, que tem investigado os Arquivos de Salazar, Victor Pereira com uma tese de doutoramento sobre a emigração no Estado Novo, Albano Cordeiro, Coordenador do Departamento de Sociologia da Imigração na Sorbonne, Marie-Christine Volovitch-Tavares historiadora e Coordenadora da secção portuguesa do Museu da Imigração que abrirá em breve as suas portas em Paris e ainda Juliette Minces, autora de várias obras sobre a imigração portuguesa em França e o trabalho.

Uma história praticamente desconhecida, nunca contada até hoje na televisão Portuguesa, com imagens nunca vista do maior bairro de lata da Europa, por onde passaram pelo menos quinze mil portugueses. O testemunho vivo de um tempo para que nunca se possa apagar a memória de um povo.

Um dos mais ignorados destinos da emigração lusa. E, no entanto, em nenhum outro país europeu os portugueses se concentraram em tais proporções. Há mesmo uma localidade – Larochette – onde superam a população Luxemburguesa.De acordo com os dados oficiais, os emigrantes são já cerca de setenta mil (14 % Da população) num dos menores países da União Europeia (sessenta quilómetros de largura por oitenta de extensão). São jovens (idade média de 29 anos) e têm grande presença no mercado de trabalho (77% de activos).

"Os portugueses são tantos aqui que se nós formos na rua e chamarmos "ó Zé" há logo cinco cabeças que se voltam para trás..." - exemplifica Luís Barreira, o director da muito lusitana "Rádio Latina".

Os portugueses começaram a chegar em força ao Luxemburgo no final dos anos sessenta. Vinham quase todos "a salto", via França, fugidos à miséria.

"Foi a grande vaga", diz Mili Tasch, que se lembra das "filas intermináveis" de homens à procura de um passaporte frente ao consulado de Portugal, onde era secretária.

É a época "negra" da história da emigração. Logo surge a xenofobia numa sociedade muito conservadora. "Accès interdit aux portugais et espagnols" diz por exemplo um aviso num café, reproduzido a 11 de Setembro de 1971 na primeira página do "Républicain Lorrain". Há confrontos à porta dos "foyers" e até manifestações hostis.

Os portugueses tornam-se entretanto nos pedreiros e nas mulheres-a-dias de quase todo o Luxemburgo. Serão mesmo os seus "novos negros", na perspectiva do geógrafo Jorge Arroteia.

Formam ainda hoje grande parte da mão-de-obra empregue na construção civil. E, à noite, nos corredores dos bancos e pelas escadas do grão-ducado, também se fala a língua de Camões: 60 % das empregadas de limpeza são de nacionalidade portuguesa...

Mas os antigos trabalhadores braçais sem eira nem beira foram melhorando a sua situação e diversos conseguiram estabelecer-se. Hoje há mil e oitocentos empresários e algumas grandes fortunas.

É a história destes ignorados heróis da emigração contemporânea portuguesa que se pretende contar neste documentário. São em geral pessoas humildes, os descamisados europeus dos anos sessenta e setenta. Tiveram de abandonar o torrão natal, mas deixaram a sua marca no Luxemburgo.

A pequena aldeia transmontana do Fiolhoso é um bom exemplo doutras consequências a longo prazo da emigração.

O Fiolhoso pode ser considerada a aldeia mais luxemburguesa de Portugal: a maior parte dos filhos da terra estão lá emigrados. A aldeia desenvolveu-se muito, tem até um lar de terceira idade modelar (que foi financiado pelo Grão-Ducado). Tem é cada vez menos jovens.

Como alerta, o geógrafo Jorge Freire Coimbra, ele próprio filho de emigrantes e a viver no Luxemburgo, a segunda geração já só vem para as festas e para as férias. As aldeias dos seus ancestrais ainda os atraem, mas "habituaram-se à modernidade..."

Os portugueses continuam entretanto a afluir em grande número ao Luxemburgo. Foram cerca de oito mil, só no ano passado...

Portugal e o Cinema Português

Sylvio Martins

O cinema português não é identificável com um cinema nacional. Não existe uma correspondência imponderável entre o cinema feito em Portugal e o cinema nacional, o próprio de uma nação.

A história do cinema português (aquela que foi feita por Félix Ribeiro, Henrique Alves Costa, Luis de Pina, Roberto Nobre, João Bénard da Costa e, doutra forma, por Manuel de Azevedo, José de Mattos-Cruz, Eduardo Prado Coelho e Jorge Leitão Ramos), é a história dos filmes produzidos por portugueses em qualquer parte do mundo ou por qualquer parte do mundo em Portugal.

Manoel de Oliveira

Não temos, assim, uma marca identificável do cinema nacional. Nem a língua, nem os hábitos, nem as pessoas, nem os técnicos e artistas, nem, sobretudo, os temas. Ele é, pois, um cinema de vocação universal. O cinema português não tem público, mas tem espectadores (pego, aqui, na dicotomia estabelecida por Manoel de Oliveira). Não é um cinema com o qual os portugueses se identifiquem, nem é possível identificar um filme com os portugueses. Não se trata de culpar a actual situação do panorama audiovisual que confunde cinema com imagem, plano com enquadramento, argumento com assunto. Vem de mais longe: o cinema português é um conjunto de situações sempre novas e logo envelhecidas.

Cada filme faz o funeral do anterior. Não há uma complexidade portuguesa que motive a maioria da produção. Assim, o que constitui um público — referências culturais comuns, hábitos de consumo dirigidos, qualidade de fruição, conservadorismo do gosto — nunca foi conseguido em Portugal.

Não tem, pois, uma função social útil.

Os trunfos que Portugal conseguiu nos últimos quinze anos (encabeçados, inesperadamente, por Manoel de Oliveira) nos circuitos culturais internacionais devem-se, justamente, a este cariz obtuso do cinema português. É identificável: reflexão metafísica sobre a história e os costumes, misticismo para-religioso, predominância dos planos longos e afastados, domínio da palavra sobre o silêncio, montagem em mosaico, difícil convívio com os actores, grande apuro técnico, soluções narrativas artesanais.

Mas, é assim que não se faz um público. Não se fazendo um público, não se faz uma história global, uma história do espectáculo cinematográfico, que inclua as várias artes e espectáculos, os filmes e a sua recepção, a cinefilia e os seus fiéis, a crítica e a cultura cinematográficas, os modos e os modelos produtivos.

O Convento - Le Couvent - 1995

A trama desenrola-se num misterioso convento isolado na serra da Arrábida. Michel, investigador americano procura indícios de que William Shakespeare era Judeu espanhol. Acompanhado pela mulher, Helène lá ficam algum tempo, vindo-se a envolver de forma estranha com os restantes inquilinos do convento.

É mais um filme de sucessivos planos longos, focando objectos, estátuas do monumento e os gestos, as palavras, dos actores. Toda a construção visual do filme é de uma extrema lentidão, em contraste com o desenrolar da história, a qual é abrupta e inconstante, baralhando por completo o espectador. Uma das cenas mágicas é quando Helène e Baltar caminham no meio do arvoredo, acompanhados pela câmara em "traveling", não se sabendo muito bem porque ali estão e o que irão ali fazer.

Com a participação de Catherine Deneuve no papel de Helène e de John Malkovich que representa o investigador americano, O Convento é uma história cujos os diálogos são da responsabilidade de Agustina Bessa-Luís, que mais uma vez é co-autora de um filme de Oliveira.

Faial

Maria Fernanda Oliveira

Ilha integrada no grupo Central do arquipélago.Esta Ilha, de forma quase pentagonal ocupa uma área de 170,42 Km medindo 21 Km no sentido Este, Oeste por 14 km de largura máxima.O clima é temperado e suave.No século 15 a descoberta da ilha, no entanto, em cartas anteriores a ilha já aparece assinalada e designada por insula de ventura. O início do povoamento verificou se antes do ano 1450. 8 anos mais tarde um grupo de flamengos, capitania do pelo fidalgo Josse Van Huerter instalou se na ilha do Faial, embora o numero de povoadores Portugueses fosse superior, a comunidade Flamenga no ano 1490 já englobava 1500 pessoas. A freguesia dos Flamengos, que se estende por um pitoresco vale, assina o lugar onde eles se estabeleceram.

No século 18, o desenvolvimento da caça a baleia trás à cidade da Horta cujo nome provém do Fidalgo Huerter, as frotas baleeiras que se abrigam no porto Pim para refrescar as suas tripulações e contratar a reputadores e remadores açorianos, os quais são famosos pela sua coragem e despreza.

No século 19 os Faialenses participam activamente lutas que opõem liberais e absolutistas acabando por decidir a favor dos liberais, vindo a receber a visita de D. Pedro quarto no ano 1832.

No ano 1833 em reconhecimento pelos serviços a causa liberal a Horta acende a cidade.

Iniciou-se então a construção da doca no ano 1876, que desde então é um importante porto de mar, sendo este o ponto de escala de um grande número de iates que atravessam o oceano.

De fragatas e do célebre Peter's café reconhecido internacionalmente.

Em 1919 chegou a cidade da Horta o primeiro avião a realizar a travessia do atlântico. A sua situação estratégica determinou ainda que a "Pan American airline" aí instalou-se e também pelos mesmos motives aí foram fixadas algumas estações de cabos submarinos intercontinentais de nacionalidades Inglesa, Americana, Francesa, Alemã e Italiana.

Nas duas grandes guerras mundiais a Horta teve um papel de relevo como base marítimo tendo sido abrigo da frota aliada que participou na invasão da Normandia.

No ano 1957 houve a erupção vulcânica dos capelinhos projectando enormes quantidades de cinza a lava a grandes altitudes que se podiam ver das ilhas próximas, formando um novo ilhéu que mais tarde se uniu ao Faial através de um istmo, derivado a esta erupção muitas famílias ficaram sem nada resultando daí a saída de Faialenses para o Continente Norte Americano. Sim, porque falar de vulcões, de tremores de terra, mar que galga a terra, maresia brava, a uns estrondos nas muralhas da cidade que nos faziam tremer espavoridos e então nos reuníamos a volta da lareira a pedir a clemência divina.Falar dos Açorianos é falar de gente humilde, respeitadora e trabalhadora que aprendeu desde criança que nada é fácil na vida, mas que não perderam a coragem de enfrentar o desafio ou as tempestades que a natureza lhes envia.Amigos, falar do Faial é muito difícil pois já de lá saí há 46 anos. As coisas evoluíram e já não é aquele Faial que me ficou para trás quando eu era uma criança entrei no barco, Terra Alta onde rumou para a Ilha Terceira e imigrar ao Canada, como fizeram milhares de outras pessoas durante a erupção vulcânica. Foi duro para os meus pais e nós. Deixar o torrão Natal que nos viu nascer, a vida não era fácil, pois tínhamos deixado atrás a descriminação social onde o rico era Senhor e o pobre obedecia.

Ainda me lembro quando menina a visita de Craveiro Lopes ou Carmona a ilha... Meu Deus pandemónio total, pois ordens foram dadas para que todo o cidadão que não tivesse sapatos ou gravata não podia sair a rua.

O povo sofria as injustiças da natureza e dos governantes abusivos, não haviam recursos a não ser a pesca e o trabalho nos barcos em cargas e descargas.Hoje quando ouço criticar o povo Açoriano sinto tristeza porque falam sem saber o porquê?

É verdade que o Açoriano antigamente emigrou para estas terras longínquas pouco possuíam de bens materiais porém eram ricos em crença divina e sobretudo ricos em espiritualidade pois a natureza assim os ensinou.

Tão bom era sentar-nos nas muralhas e apreciar o por do sol ou o amanhecer reflectindo nas ondas do mar pois eram estes espectáculos que tínhamos para apreciar a parte das festas religiosas e o futebol.

Sim… o futebol de outrora era futebol por amor sem salário e não uma profissão como hoje onde se ganham milhões, recordo o meu querido tio António Almeida conhecido por " batata" estrela do futebol Açoriano nos anos 60 tendo mesmo ir a jogar no Continente na selecção jogou no Faial Sport nos Bancos da Praia da Vitória vindo a falecer no Canada com uma perna amputada derivado as sequelas do futebol.

Era assim naqueles tempos hoje tudo mudaram a igualdade social e emigrar já não vale a pena, como dizia a minha avó que todas as riquezas a mais forte é a liberdade e aquele que possui a sabedoria é repleto de tristeza.

Connaissez-vous les Tunas?

Nancy Martins

Chacun d'entre vous a probablement déjà entendu la musique entraînante des ces groupes portugais nommés « Tunas ». Très étonnamment, leur origine remonte au Moyen-Âge, mais l'histoire de leur évolution demeure très vague.

Les prédécesseurs des Tunas actuelles furent les Sopistas qui surgirent d'abord en Espagne. Ces groupes étaient constitués d'étudiants pauvres qui parcouraient, en jouant de la musique, les maisons nobles, les couvents et les marchés en échange d'un bol de soupe (d'où leur nom) ou de monnaie. Le soir venu, vêtus d'une cape noire pour ne pas être vus de la police universitaire (le couvre-feu étant obligatoire pour les étudiants), ils chantaient la sérénade à leur dulcinée. Les Sopistas étaient aussi

connus pour avoir toujours sur eux une fourchette et une cuillère de bois leur permettant ainsi de manger à n'importe quel moment ou endroit. C'est pourquoi la cuillère de bois est, encore aujourd'hui, un symbole important pour les Tunas.

Les Tunas telles qu'on les connaît aujourd'hui se sont formées au XVIe

siècle alors que les étudiants ne pouvant se payer un logement ont eu droit à des résidences universitaires. C'est alors que les rituels d'initiation ont débuté. En effet, les nouveaux étudiants désirant faire partie de la communauté des Sopistas devaient servir loyalement les étudiants plus vieux. En échange, ces derniers leur enseignaient l'art de la musique.

Une légende raconte que le nom de « Tunas » viendrait du fait que plusieurs de leurs traditions sont inspirés du comportement d'un calife bohémien de Tunis. Ce dernier passait des jours et des nuits à chanter dans les rues. Ainsi, quand les étudiants ont commencé à s'amuser et non plus pour survivre, le nom de Sopistas est devenu désuet et péjoratif. Ils ont donc adopté de nom de Tunas.

Les premières Tunas portugaises sont apparues au XIXe siècle. On raconte qu'un groupe d'étudiants portugais, lors d'un voyage en Espagne, aurait constaté le succès de celles-ci et aurait ramené la tradition au pays. On sait que les Tunas des universités de Coimbra et Porto ont été fondés respectivement en 1888 et 1890, mais ce n'est que dans les années 80 et 90 du siècle dernier que le mouvement a réellement pris de l'ampleur. Aujourd'hui, les Tunas sont un phénomène culturel répandu à travers le Portugal.

Le groupe Azeituna, lors de sa visite a Montreal en Août 2006

Uma nova teoria sobre o 11 de Setembro

A TEORIA DO "11"

A conclusão do final merece alguma credibilidade. O 11 passou a ser um número inquietante.

Pode pensar-se que é uma casualidade forçada ou simplesmente uma tontice, mas o que está claro é que há coisas interessantes. Senão, veja-se...

1 – New York City tem 11 letras.

2 – Afeganistão tem 11 letras.

3 – "The Pentagon" tem 11 letras.

4 – George W. Bush tem 11 letras.

Até aqui, meras coincidências ou casualidades forçadas (será?).

Agora começa o interessante.....

1 – Nova Iorque é o estado Nº 11 dos EUA.

2 – O primeiro dos voos que embateu contra as Torres Gémeas era o Nº 11.

3 – O voo Nº 11 levava a bordo 92 passageiros; a soma dos seus algarismos dá: 9+2 = 11

4 - O outro voo que bateu contra as Torres, levava 65 passageiros; a soma dos seus algarismos dá: 6+5 =11.

5 - A tragédia teve lugar a 11 de Setembro, ou seja, 11 do 9; a soma dos seus algarismos dá: 1+1+9 =11.

E agora o inquietante.....·1 – As vítimas totais que faleceram nos aviões era 254: 2+5+4 =11.

2 - O dia 11 de Setembro, é o dia número 254 do ano: 2+5+4 = 11.

3 - A partir do 11 de Setembro sobram 111 dias até ao fim de um ano.

4 - Nostradamus (11 letras) profetiza a destruição de Nova Iorque na Centúria número 11 dos seus versos...

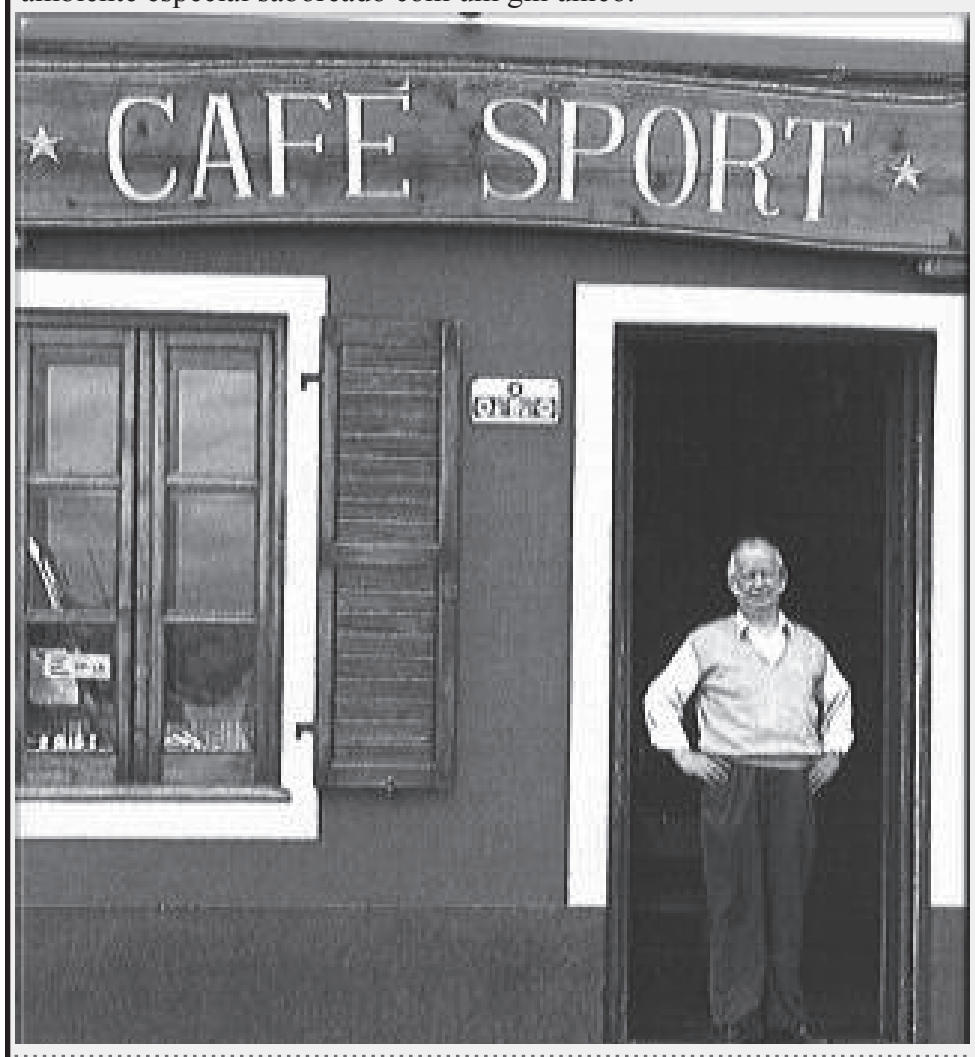
Mas o mais chocante de tudo é que, se pensarmos nas Torres Gémeas, damo-nos conta que tinham a forma de um gigantesco número 11.

E, como se não bastasse, o atentado de Madrid aconteceu no dia 11.03.2004. Somando estes algarismos dão: 1+1+0+3+2+0+0+4 = 11.

Intrigantes, não acham? O atentado de Madrid aconteceu 911 dias depois do de New York. Somando os seus algarismos dá: 9+1+1 = 11

Peter Café Sport

'Se velejar até à Horta e não visitares o 'Peter', não viste a Horta na realidade. Esta é, sobretudo entre os yatchmen – uma expressão comum, inúmeras vezes repetida e que expressa uma realidade que se foi construindo à volta de um café-bar que ganhou uma projecção mundial notável, primeiro entre o iatismo internacional que no Peter encontra acolhimento, apoio e ambiente para aceso e franco convívio e amenas conversas; depois, entre o comum dos viajantes e turistas, que lá buscam a mística e a fama de um ambiente especial saboreado com um gin único.



O que é uma Ilha

Uma ilha é uma extensão de terra cercada de água por todos os lados. Sua etimologia latina, insula, originou o adjetivo insular. Existem três tipos principais de ilha: ilhas continentais, ilhas fluviais e ilhas vulcânicas. Também existem algumas ilhas artificiais.

Diversas ilhas próximas umas das outras formam um arquipélago.

A noção de ilha é, às vezes, delicada. Assim, a Austrália, pelo seu tamanho, é uma ilha? Uma ilha que emerge da água somente durante a maré baixa é uma ilha?

A Groenlândia é a maior ilha da América do Norte. Se se admitir que a Austrália não é uma ilha, então a Groenlândia é a maior ilha do mundo.

A Nova Guiné é a maior ilha da Ásia (segunda do mundo após a Groenlândia).

Madagáscar é a maior ilha da África (quarta do mundo).

A Grã-Bretanha é a maior ilha da Europa (nona do mundo).

A Ilha do Bananal, no Estado brasileiro do Tocantins, é considerada a maior ilha fluvial do mundo. A Ilha de Marajó, no Estado do Pará, no Brasil, é a maior ilha fluviomarinha do mundo.

RE/MAX
Du Cartier inc.
Esc.: 281-5501 - Res.: 328-5717

Olivia Paiva Joseph Oliveira

St-Urbain

Plateau, 3x7 1/2, 4 quartos
chão de madeira
e um belo quintal

Vimont

Luxuoso bungalow
Aquecimento Electrico

Villeray

Lindo Duplex 2x41/2
Cozinha e casa de
banho renovado

Laval - Chomedey

Uma Verdadeira joia
Cottage semi-destacados

Laval - Autell

Bungalow, muito bem situado
Perto de todos os servicios

Montreal - Anjou

Muito bonito Bungalow,
Todos os quartos
são espacioso, lareira,
Chão de madeira de luxo,
Uma ótima compra

Laval
2 paços Montreal

Cottage com 3 quartos,
cozinha e casa de banho
renovada, Cave Terminada,
Chão todo em madeira,
bom quintal com saida
189,000$
IMPECÁVEL

Montreal - Plateau
Rua Guilbaut
Triplex em quatro andares,
num estilo victoriano
semi-destacado, perto do
hospital Hotel-Dieu
Compra interessante

Para mais informações podem nos contactar
Esc.: 281-5501 - Res.: 328-5717

Gastronomia

Esta é a terra onde a carne e os lacticínios constituem produtos de excelente qualidade, visto que todo o gado local é criado nas condições mais naturais possíveis. Do imenso mar à volta vem o peixe e marisco fresco, e embora em números cada vez mais reduzidos, também abunda a fruta e as hortaliças plantadas localmente.

As especialidades do Faial incluem pratos de linguiça com inhames, molha de carne, morcelas de porco, torresmos de vinha-de-alhos, sopas do Espírito Santo para aqueles que gostam, caldo de peixe, caldeirada, polvo guisado com vinho, acompanhados por pão e bolo de milho, massa sovada e bolo torrado. Existe uma grande variedade de marisco, como lagosta, cavaco, caranguejo de águas profundas e arroz de lapas que também são habitualmente servidos. Há ainda licores caseiros de café e leite, mas o vinho, esse vem do Pico.

Artesanato

O Scrimshaw – trabalho em dente de baleia, nasceu com a solidão vivida a bordo das baleeiras no século XIX, e é desde os anos 70 uma arte típicamente Açoreana. Para se manufacturar um trabalho em dente de baleia, é primeiro preciso criar uma superfície onde se possa trabalhar o dente. Lixa-se para torná-lo macio e depois encera-se, cobrindo com uma camada de tinta da Índia, colorindo de preto a face onde se pretende gravar o desenho. A gravação é feita com arranhões delicados usando uma agulha que penetra a tinta, a cera, e o dente. O desenho fica portanto a branco num fundo negro. A tinta é aplicada uma segunda vez, entrando pelas ranhuras e produzindo o desenho. A primeira camada é retirada e o que resta é a minuciosa gravação a negro no dente de esmalte amarelado. A arte do scrimshaw tende a desaparecer devido à existência cada vez menor de dentes de baleia, que na sua generalidade datam de antes do fim da caça à baleia. Devido à sua raridade, as peças podem custar entre 50 e 1250 euros, mas se quiser levar uma recordação parecida e mais barata, pode comprar as peças com gravações em osso, que são também típicas das ilhas. O Museu do Scrimshaw, situado no Peter Café Sport, tem uma exposição permanente dos melhores trabalhos alguma vez feitos, esta sendo portanto uma visita que não pode deixar de fazer.

Fofas do Faial

Ingredientes:

500 g farinha ;
5 dl de líquido (água e leite) ;
2 colheres de sopa de sementes de funcho ;
2 colheres de sopa de açúcar ;
125 g de manteiga ou de margarina ;
1 colher de chá de sal ;
15 ovos ;
creme de baunilha ou de limão (facultativo)

Instruções para Cozinhar:

Num tacho deita-se a água e o leite (podem ser em partes iguais), o sal, as sementes de funcho, o açúcar e a manteiga. Deixa-se levantar fervura e adiciona-se, de uma só vez, a farinha peneirada.

Mexe-se a massa sobre o lume até fazer bola e se desprender do tacho. Retira-se a massa do lume e põe-se a arrefecer.

Depois de fria, juntam-se à massa os ovos, um a um, batendo bem entre cada adição. Só se adiciona o ovo seguinte depois do anterior ter sido completamente absorvido. Quando a massa tiver a consistência de um merengue bem espesso, dispõe-se em montinhos (à colher) sobre um tabuleiro untado e polvilhado.

Levam-se a cozer em forno bem quente (cerca de 220º C). Retiram-se as fofas do forno quando estiverem bem loiras. Podem ou não rechear-se com creme de baunilha ou de limão.

Há quem junte a farinha a pouco e pouco, misturando fermento em pó (30g para 500 g de farinha).

Faial, ilha azul

Maria Calisto

Olá Açoriano, aqui estamos outra vez, com mais uma edição à descoberta das nossas raízes na descoberta das maravilhas dos Açores, assim matamos algumas saudades. Desta vez vamos fazer uma viagem ao Faial, também conhecido como a Ilha Azul. Faial, tem forma de um pentágono irregular e tem uma superfície de 173,42km. Ela tem 21km de comprimento e 14km de largura mesmo não sendo a maior dos Açores, o Faial está sempre festejando, e por isso é claro que há muitos turistas. O Faial é animado pela semana do mar (este ano foi de 7 a 14 de Agosto). O maior evento cultural e desportivo da Ilha que custa acerca de 300 mil Euros. Do Faial, pode-se ver as outras Ilhas, porque ela se encontra num ponto central do Arquipélago.

A festa de Nossa Senhora das Angústias, realiza-se todos os anos, sendo considerada a maior festa religiosa da Ilha. A Marina da Horta é um ponto de referência para todos os que chegam ao Faial. Com uma população de 16 mil habitantes o Faial foi descoberto na primeira metade do século XV e o início do seu povoamento deu-se por volta de 1460. Se é conhecida como Ilha Azul é devido à grande quantidade de hortênsias que florescem na Ilha nos meses de verão. Esta maravilha é a mais sujeita a sismos. Queridos leitores aqui acabou a nossa viagem a Ilha do Faial, não percam a nossa próxima edição, com mais uma descoberta. Aqui vos deixo com um poema da senhora Lourdes Pinheiro, dos Açores, que encontrei por acaso, mas que resume o que muitos Açorianos, do Faial devem de pensar no fundo do coração.

Um abraço

Faial, Ilha Azul!

poema autoria de Lourdes Pinheiro, Açores

Faial, cantinho querido onde eu nasci!
Aqui, bem longe, eu revivo a minha infância...
Revivo quando corria livremente nos teus campos,
Quando ouvia murmúrios das águas ribeirinhas.
Quando olhava em redor deslumbrava-me
O azul do mar e das hortênsias,
O verde das faias e das pastagens.
Toda essa magia, esse encanto, para sempre eu perdi.
Tenho saudades das casinhas brancas,
Do doce repicar dos sinos,
Das calmas tardes de Verão,
Do teu céu estrelado nas noites claras;
Das praias de areia preta, onde me banhava,
Do doce chilrear dos passarinhos,
Dos meus amigos com quem cresci.
Tenho saudades de tudo o que eu perdi!

A.P.E.S.

FESTA EM HONRA DE
NOSSA SENHORA DOS MILAGRES
EM HOCHELAGA
Nos dias 8, 9 e 10 DE SETEMBRO

DO DIA 1 AO 9 DE SETEMBRO, ÀS 20H00, recitação do terço
Sexta-feira dia 8 de Setembro, às 19H30, recitação do terço

SEXTA-FEIRA DIA 8 DE SETEMBRO, ÀS 20H00

Jantar oferecido ao Rev. Padre António Pires Nunes da Rocha, presidente honorário

Ementa:
- Espetada de marisco com arroz
- Creme de agrião
- "Três filetes" molho pimenta verde, acompanhado com rolo de espargos, molho holandês e batata no forno.
- Bolo com "colis" e fruta
- Café ou Chá

A animação está a cargo da "São" e do Dj entre-nós
Adultos, 30 jantares
Para informações e reservas, contacte a Associação pelo telefone (514) 254-4647, (514) 354-7276.

SÁBADO DIA 9 DE SETEMBRO, ÀS 19H30

- Bodo de Santo António, distribuição de brindeiras e de massa sovada
- Animação pela: Banda de Nossa Senhora dos Milagres.
- Baile pelo Conjunto EuroBeat e a participação do "Grupo Som do Vento", vindos dos Açores a convite de Armando Lourenço.

DOMINGO DIA 10 DE SETEMBRO, ÀS 13H30

- Missa solene, na Igreja Notre-Dame-des-Victoires, 2700, rua Lacordaire (metro Cadillac), presidida pelo Rev. Pe. António da Rocha
O coral está a cargo do Grupo Coral Santo Cristo.
- 14h30, saída da procissão pelas ruas Lacordaire, Pierre de Coubertin e Duquesne, Acompanhada pela Banda de Nossa Senhora dos Milagres.
O arraial será abrilhantado pelo:
- Grupo "Som do Vento",
- Dj Entre- Nós
- "Banda de Nossa Senhora dos Milagres".

PATISSERIE LA JEUNESSE

Prestígio e qualidade
em padaria e pastelaria

- Fabrico de pão Português
- Rissois de carne e de camarão
- Pastéis de bacalhau
- Pizzas e pão de chouriço
- Bolos para casamentos Baptizados, recepção

Faça já a sua encomenda, visitando-nos
533 Gounod, em Montreal Tel.: (514)272-0362

QUEM SÃO ELES?